

PELO  
*Sangue Carmesim*

**Autor: Edson Amaro de Souza**

Dedico este texto ao amigo  
Sebastião Ramos, fundador da  
ABRAVIPRE – Associação Brasileira  
de Apoio às Vítimas de  
Preconceito Religioso.

**CENA ÚNICA**

*Uma mesa em que um casal acaba de tomar o café da manhã. Na escuridão do palco, a luz não deixa vê-la na íntegra, de forma que a esposa de ERNESTO está oculta nas sombras.*

**ERNESTO:**

As crianças já se foram?  
'Inda bem que estamos sós.  
Eu também já me demoro  
Pois careço que entre nós  
Se revele uma verdade  
Que domina minha voz.

Minha garganta padece  
Tantos meses oprimida  
Por uma verdade presa  
Que deseja ser ouvida  
– Esperneia no meu peito,  
Eis minha boca invadida.

Já é uma insurreição  
Como a História tantas conta,  
Como a plebe de Paris  
Que a velha Bastilha afronta;  
Qual livro de Galileu  
Que um novo Cosmo monta.

A consciência já se rende  
E se entrega desarmada  
Como o céu escuro e frio  
Não resiste à alvorada  
Que, pelas aves canoras,  
Vencedora, é celebrada.

Eu te assunto? Não levante  
Da cadeira, meu amor.  
Mais café? Quer pão de queijo?  
Não precisa tanto horror  
Estampado nessa face.  
Acalme-se, por favor.

Te afianço meu amor,  
Sempre te serei fiel.  
Não pensei em outro porto  
Ancorar o meu batel  
Nem procuro outra colmeia  
Que me dê mais doce mel.

Já são doze doces anos  
Caminhando lado a lado,  
Dois filhos que nosso amor  
Persistente têm criado,  
Tempo de felicidade  
Que eu quero multiplicado.

Mas, no ano passado, lembras:  
Quase perco minha vida –  
Tanta lágrima em teu rosto  
Diariamente vertida  
E eu temia abandonar  
Nossa trilha tão florida.

Tu caíste de joelhos  
Implorando a minha cura  
Ao Senhor nos altos céus.  
Nessa hora de amargura  
Uniu-se a congregação  
Alto lendo a Escritura.

Que a fé nós reforçassemos  
Pois viria a tentação.  
Avisaram que na veia  
Não quisesse transfusão  
Pois só o sangue de Cristo  
Me daria a salvação.

Só o sangue que o Cordeiro  
Derramou lá no Calvário,  
Expressão de Seu amor,  
Sacrifício voluntário,  
Far-me-ia da divina  
Graça fiel signatário.

Nesses dias com angústia  
Eu pensava em minha vida  
– Em perder a doce esposa  
Que a tornou assim florida –  
Só por ter sua companhia  
Já merece ser comprida.

E os filhos tão amados  
Que desejo ver crescidos,  
Prósperos e felizes,  
Por todos reconhecidos,  
Queira Deus me dando netos  
Com amor bem concebidos.

Eu lembrava de Fidélio  
Que na fé é campeão,  
Pelos irmãos comparado  
Ao patriarca Abraão  
Mas dessa vez Isaque  
Não achou libertação.

E tão triste passa o tempo  
Esperando a profecia  
De que os mortos voltarão  
Ao chegar o grande dia.  
Se pudesse ele voltar  
Ao passado que faria?

Pois o Armagedom demora  
E a saudade todo dia  
Se acumula em seu peito  
Cujas forças se esvazia.  
Valerá tão dura espera,  
Tantos anos de agonia?

Certamente ele tem medo  
De ter escolhido errado  
Entre um paraíso longe  
E o remédio ali do lado.  
Tantos anos contra a dúvida  
O seu peito tem lutado!

Achei dúvida em seus olhos  
Quando lá me visitou,  
De medo sua voz tremia  
Quando a Deus por mim orou.  
Sei que fora do hospital  
Por minha vida chorou.

Seus cabelos já são brancos  
E cadê ressurreição  
Desse filho que perdeu  
Seguindo a orientação  
De líderes que nos dizem  
Ter de Deus a direção?

Mas com força ele se agarra  
– Pouca força já lhe resta –  
Aos comandos repetidos –  
Os repete e não contesta.  
Faz esforço para crer  
Que seu filho faz a sesta.

Você nunca percebeu  
Ao ouvir sua voz tremer?  
Quando em meio a um discurso  
Acontece emudecer  
Esse velho tão querido  
Que nos insta sempre a crer?

Sim, Fidélio sofre a dúvida  
Lá no peito reprimida  
Mas como pode expressá-la  
Se gastou toda uma vida  
A serviço de uma crença  
Nessa idade estremecida?

Lhe seria insuportável  
Me aconselhar transgressão.  
Assumiria assim falsa  
A empoeirada lição  
Nos púlpitos repetida:  
“Creia na ressurreição!”

**Esperar que os mortos voltem  
Lá na terra prometida  
Quando Deus por recompensa  
Nos dará eterna vida  
É a migalha que lhe resta  
Da existência consumida.**

**Por te amar e a nossos filhos  
Por amor eu transgredi  
E nas veias de meu corpo  
Sangue humano recebi.  
Por mais anos ao teu lado  
Contra o credo decidi.**

**Em milagre acreditaste?  
Ao doutor pedi segredo  
Porque sei que punição  
Nessa crença é o degredo;  
Contra aqueles que discordam  
Toda a gente aponta o dedo.**

**Um milagre eles celebram  
E agradecem minha cura.  
Se a verdade descobrissem  
Não apenas a censura  
Dos líderes ouviria  
Mas me davam pena dura.**

**Tu bem sabes o castigo  
Que se dá a quem duvida,  
Expressando discordância,  
Dirigindo a própria vida:  
Nem a saudação urbana  
A infiéis é concedida.**

**Se a verdade digo em público,  
Eis-me expulso e condenado  
Ao ostracismo mais duro,  
Por ninguém cumprimentado,  
Nem no ônibus um deles  
Se sentava do meu lado.**

**Deixo crerem num milagre  
Pra salvar as aparências?  
Sabendo que tal lenda  
Arriscará existências?  
E de nada desconfiam  
Lá dentro das consciências?**

**Essas coisas me pergunto  
Desde o dia que meu sim  
Abraçou a Medicina  
Que ofertava para mim  
Nova vida concedida  
Pelo sangue carmesim.**

**Contraí com o sangue dúvidas  
Que perturbam o meu sono.  
É justo que eu esconda  
A verdade que sou dono  
Se à mentira de um milagre  
Meus iguais eu abandono?**

**Se eu revelasse bem alto  
Tudo quanto digo agora  
À esposa que venero,  
Do meu peito a só senhora,  
Rainha de minha vida,  
Quantos me diriam: “Fora!”?**

**Decidi angustiado  
Numa cama de hospital  
Entre a morte de meu corpo  
E uma morte social  
– Ser tratado como um pária  
Ou o suspiro dar final?**

**E a verdade quer sair  
Libertada da garganta!  
Contra as grades do meu medo  
A pequena se agiganta:  
Foi criada qual formiga  
Mas se vê como elefanta!**

**Minha consciência grita  
Quando a boca se quer muda.  
A verdade se enraíza  
E do peito não desgruda:  
Já dá flor e se destaca  
Na paisagem que transmuda.**

**A verdade cresce sempre  
Com espinhos afiados.  
É frondosa, dando sombra  
A seus poucos aliados  
Que atiram duras sementes  
Em terrenos já murados.**

**A verdade tão pequena  
Mais que meu peito cresceu.  
Escondê-la já não posso –  
Eu tentei mas me venceu.  
Sei que ferirá Fidélio  
Ver o engano em que viveu.**

**As lágrimas do bom velho  
Já as vejo antecipadas  
Por ouvirem de meus lábios  
Suas dúvidas caladas –  
Os relatos de outras curas  
Num só golpe questionadas.**

**Por que Deus me salvaria  
Sem também salvar seu filho?  
Por acaso sou melhor?  
Minha vida tem mais brilho?  
Como seguirá avante  
Perdendo da fé o trilho?**

**Quantos anos consagrados  
Ao serviço de Jeová!  
Toda a mocidade gasta –  
Da velhice o que fará  
Se aceitar que seu Isaque  
Nunca mais abraçará?**



Se Deus não deu a cura  
Dará pois ressurreição  
Ao menino que morreu  
Seguindo a religião  
Escolhida por seus pais?  
Seus anseios tombarão!

Qual estátua que tivesse  
Os seus frágeis pés de barro  
Fidélis desmontará:  
Qual fumaça de cigarro  
Desfeitas as esperanças.  
Eis a cena em que eu esbarro.

Como suportar suas lágrimas  
Antes mesmo da expulsão?  
Depois dela ninguém mais  
Me dará nome de irmão –  
Terei morte social:  
Capital condenação!

Terei de recomeçar  
Desde o zero minha vida  
Se junto com tais “irmãos”  
Perder a mulher querida  
Pois a quem mais conheci  
Nessa vida reprimida?

Se entre eles continuas  
Que horrores te dirão  
Do marido que tão fraco  
Tropeçou na tentação?  
Caminhemos nós dois juntos  
Reduzindo a solidão.

Eu te peço que a meu lado  
Permaneças 'té o fim.  
Se Jeová me abandona,  
Sejas tu meu querubim.  
Eu imploro teu amor,  
Pelo sangue carmesim!

(21 a 29 de fevereiro de 2016)